Padrinho Sebastião e madrinha Francisca: história de vida e formação em lugares outros de conhecimentos

Albuquerque, Maria Betânia [1]

Silva, Gabriel Gonçalves Serafim [2]

RESUMO

O artigo analisa a história de vida, a formação e os lugares outros de conhecimentos percorridos por Sebastião Mota e Francisca Gabriel, duas lideranças de comunidades religiosas e educativas da Amazônia: o Santo daime e a Barquinha, centradas no uso ritualístico de uma bebida conhecida como ayahuasca ou daime. O texto resulta de pesquisa de campo, apoiada nos pressupostos da história oral e de uma história de vida temática, posto que prioriza pontos de diálogo na vida desses sujeitos. Teoricamente, apoia-se em autores como Ellsworth (2005) e Albuquerque (2021). Dentre as considerações, o artigo aponta para lugares outros de aprendizagens que atravessam a vida desses sujeitos, como a floresta e o fundo dos rios, bem como a vivência de um processo educativo mediado por mestres humanos e não humanos. Destaca-se, neste caso, o daime, enquanto bebida feita de plantas professoras, com quem tanto Sebastião quanto Francisca apreenderam múltiplos saberes.

Palavras-chave: educação; saberes; daime; padrinho Sebastião; madrinha Francisca.

Padrinho Sebastião and Madrinha Francisca: life story and education in other places of knowledge

ABSTRACT

This article analyses the life story, formation and places of knowledge explored by Sebastião Mota and Francisca Gabriel, renowned figures in the Santo Daime and Barquinha, religious and educational communities, situated on the Amazon region, that revolve around the ritualistic consumption of a beverage known as ayahuasca or daime. The present text is the outcome of a field research based on the principles of oral history and thematic life stories, emphasyzing a dialogue with the lives of these individuals. The theoretical underpinnings of this study draw from authors such as Ellsworth (2005) and Albuquerque (2021). This article points to differential realms of knowledge, such as the forest and the depths of rivers, converging in an educational process mediated by humans and non-humans. In this context, the Santo Daime assumes prominence, as a

[1] Universidade do Estado do Pará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Email: mbbalbuquerque@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6849661131305117. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9681-9293.

[2] Universidade Federal Fluminense. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Email: ggsserafim@gmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6706046602050141. Orcid: http://orcid.org/0009-0003-6304-8001.

beverage made from teacher plants, that Sebastião and Francisca both encountered and acquiring multifaceted forms of knowledge.

Keywords: education; knowledge; daime; padrinho Sebastião; godmother Francisca.

Padrino Sebastião y Madrina Francisca: historia de vida y formación en otros lugares del saberer

RESUMEN

El artículo analiza la historia de vida, la formación y los diversos lugares de conocimiento recorridos por Sebastião Mota y Francisca Gabriel, dos líderes de comunidades religiosas y educativas en el corazón de la Amazonia: el Santo Daime y la Barquinha, que se centran en el uso ritual de una bebida conocida como ayahuasca o daime. El texto es resultado de una investigación de campo, sustentada en los presupuestos de la historia oral y de un relato de vida temático, ya que prioriza puntos de diálogo en la vida de estos sujetos. Teóricamente, se apoya en autores como Ellsworth (2005) e Albuquerque (2021). Entre las consideraciones, el artículo apunta a lugares otros de aprendizajes que cruzan la vida de estos sujetos, como el bosque y el fondo de los ríos, así como la experiencia de un proceso educativo mediado por maestros humanos y no humanos. Se destaca, en este caso, el daime, como una bebida hecha de plantas maestras, con las cuales tanto Sebastião como Francisca aprehendieron innumerables conocimientos.

Palabras clave: educación; conocimientos; daime; padrinho Sebastião; madrinha Francisca.

INTRODUÇÃO

O texto reflete sobre as histórias de vida de Sebastião Mota de Melo e Francisca Campos do Nascimento, duas lideranças que, a seus modos, construíram uma comunidade religiosa e educativa no coração da Amazônia. Essas comunidades são centradas no uso ritual de uma bebida psicoativa, de origem indígena, conhecida por uma diversidade de nomes, conforme o contexto cultural em que é consumida, entre os quais: *ayahuasca, santa luz, nixi pae, vegetal, hoasca, yagé, daime.*

A ingestão dessa bebida milenar pode causar uma espécie de viagem xamânica, levando a pessoa para “lugares e espaços” não ordinários, devido às experiências olfativas, sonoras e visionárias (LUNA, 2005), permitindo, com

isso, o acesso a outras realidades, bem como a diversas aprendizagens. Padrinho Sebastião e Madrinha Francisca, como são conhecidos, não frequentaram uma escola formal de ensino[3]. Contudo, desenvolveram seus saberes a partir de racionalidades e paradigmas outros, tendo em comum as experiências com o daime, no contexto das tradições religiosas em que foram alunos: o Santo Daime e a Barquinha.

Conforme Labate (2009), o Santo Daime e a Barquinha compõem o grupo das chamadas religiões ayahuasqueiras brasileiras, fundadas na cidade de Rio Branco-AC por Raimundo Irineu Serra e Daniel Pereira de Mattos, respectivamente, que despontam como mestres de Sebastião e Francisca no coração da Amazônia. Segundo Lúcia Regina Gentil e Henrique Gentil (2009), a porção ocidental da floresta amazônica que esses mestres viveram, tinha uma extensa área de concentração de etnias indígenas e, por esse motivo, conheceram o elemento fundamental da cultura xamânica da região: o consumo da ayahuasca. Trata-se de uma bebida psicoativa, isto é, que ativa a consciência, feita a partir do cozimento envolvendo o cipó (*Banisteriopsis Caapi*), a folha (*Psychotria Viridis*), água e fogo, além do esforço humano e a ritualística sagrada para entronizar as forças espirituais ocultas aos olhos físicos (SILVA, 2022).

Metodologicamente, o texto resulta de uma reflexão ancorada em pesquisa de campo, apoiada nos pressupostos da história oral que procura dar visibilidade a sujeitos de grande sabedoria, admirados em suas comunidades, porém, pouco conhecidos nas academias universitárias brasileiras. Seguindo a lógica de uma história de vida temática, o artigo recorta, no âmago dessas trajetórias de vida, pontos que unificam esses sujeitos, a exemplo da dimensão híbrida das práticas religiosas que professam ao permitirem o diálogo intercultural com diversas tradições; a prática mediúnica[4] por meio da qual exerciam e exercem a caridade; a formação e aprendizagens em lugares imaginários e míticos, além da vocação para o ensino, ainda que ambos fossem descolarizados e pouco versados na ciência oficial.

[3] Madrinha Francisca estudou na escola formal até a terceira série do antigo ensino primário, nas escolas dentro dos seringais. Porém, precisou abandonar os estudos para trabalhar como empregada doméstica (SILVA, 2022).

[4] As práticas mediúnicas, como no caso do aparelhamento/incorporação, são fenômenos em que determinado ancestral de um grupo social, mesmo na condição que conhecemos como desencarnado ou morto, se faz presente e interage com o corpo vital de outra pessoa, trazendo algum ensinamento importante para aquele contexto (SIMAS; RUFINO, 2018).

Procuramos ressaltar também a dimensão pedagógica que atravessa a vida desses sujeitos, na medida em que vivenciaram um processo educativo mediado por mestres humanos e não humanos, como espíritos e encantados, além de contribuírem para a formação de discípulos que os seguem em diversas paragens. Destacamos, particularmente, as aprendizagens obtidas com o daime, enquanto uma bebida feita de plantas professoras (ALBUQUERQUE, 2011), com quem tanto Sebastião quanto Francisca vivenciaram uma relação pedagógica.

Nessa direção, o artigo se apóia, teoricamente, no conceito de "lugares de aprendizagem" de Elizabeth Ellsworth (2005) para pensar a formação humana como um amplo processo cultural, para além da escolarização formal. Procuramos, contudo, ampliar esse conceito de modo a incluir lugares outros de aprendizagens, imaginários ou míticos (lugares espirituais),[5] que educam a partir da experiência, perturbando os cânones pedagógicos e epistemológicos da razão ocidental.

Nesta lógica contra-hegemônica, as trajetórias de vida e os ensinamentos desses dois líderes carismáticos impulsionaram a formação de novas religiosidades no Brasil e mundo afora, configurando-os, portanto, como mediadores entre a floresta e a cidade.

2 Histórias de vida e a inserção de Sebastião e Francisca nas religiões ayahuasqueiras

Sebastião Mota de Melo nasceu no dia 7 de outubro de 1920. As informações disponíveis sobre o local de nascimento, geralmente, apontam o seringal Monte Lígia, região do Alto Juruá, na colocação chamada Estorrões, pertencente ao município de Eirunepé-AM, fronteira com o Estado do Acre. Contudo, pesquisa de campo realizada em julho de 2019, trouxe alterações a esses dados. Elizabeth Cristina Mendes, que esteve nessa expedição, narrou que, segundo Francisco Mota, irmão de Sebastião, o verdadeiro local de seu nascimento foi o Igarapé da Besta, afluente do Rio Liberdade, no estado do Acre (Comunicação *on-line*). Em todo caso, Alfredo de Melo, filho de Sebastião, afirmou que "o Riozinho da Liberdade sai do Juruá, mas atravessa a estrada

[5] Conforme Rodrigues *et al*. (2018, p. 10), os povos originários, situados em territórios existenciais dentro das florestas e nas margens dos rios e mares, "guardam histórias sobre o mundo invisível, sobre o mundo de seres que vivem em lugares míticos, lugares de encantados como as águas, as fontes, os brejos, as folhas e além das plantas animais de diversas espécies".

BR 364, que é a BR que vai de Rio Branco a Cruzeiro do Sul, então ele nasceu já dentro das terras do Acre, mas ele é Amazonense, ficou como uma pessoa nascida no Amazonas" (apud ESTEVES, 2010, p. 18).

Sabe-se que em 1920, ano em que Sebastião nasceu, as fronteiras do Acre não estavam bem demarcadas, sendo ainda considerado como um território federal. Tal fato agrega importante significado à identidade de Sebastião como ser fronteiriço, com profundas ressonâncias na construção do seu pensamento. Considerando que a referência espacial dos povos da floresta sempre foi muito mais a relação com as matas e os rios do que à unidade territorial, é possível afirmar que Sebastião era, portanto, um homem da floresta.

Ao reconstituir o cotidiano de Sebastião Mota no espaço do seringal, Lúcio Mortimer (2000, p. 24) afirma que a vida era bastante difícil, atravessada por uma árdua jornada de trabalho que começava de madrugada e, às vezes, varava pela noite. A sobra do dia era usada "para cuidar do roçado, pescar, caçar". A vida traduzia-se nessa lida diária, "produzindo borracha que nunca dava de pagar as contas para o patrão e tirar algum saldo" (MORTIMER, 2000, p. 31). Sua infância, nesse sentido, foi carente de recursos materiais, mas envolta nas belezas e mistérios das florestas e rios.

Os pais de Sebastião foram os cearenses Manoel Mota de Melo e Vicença Bernardo de Melo, originários da primeira leva de migrantes nordestinos que aportaram em terras amazônicas, para trabalhar na extração do látex. Eram católicos ligados aos padres que percorriam os seringais, vez por outra, realizando evangelização itinerante entre as populações da floresta (ALBUQUERQUE, 2021).

A necessidade de trabalhar desde muito cedo impediu Sebastião de frequentar uma escola de ensino, de modo que somente aos 50 anos de idade teve contato com a leitura. De espírito corajoso, a lida diária, longe de significar apenas limitações, possibilitou-lhe a conquista de múltiplos saberes tornando-se exímio mateiro, caçador e agricultor. Nas folgas do trabalho, gostava de tocar viola. Conhecia ainda todo tipo de árvores e madeiras com as quais construía casas, canoas e embarcações. O domínio das plantas e remédios da floresta o transformaria em senhor das curas e benzeções (ALBUQUERQUE, 2021).

Em 1946, Sebastião Mota casou-se com Rita Gregório de Melo e passou a morar na casa da esposa num seringal chamado Adélia, junto ao sogro Idalino Gregório e demais membros da família. O encontro dessas famílias foi

fundamental no estabelecimento das bases para a formação ético-religiosa de Sebastião, uma vez que a família de seu sogro era evangélica e cuidava da leitura e ensinamentos bíblicos diariamente.

Sebastião veio ao mundo envolto em um ambiente de mistérios espirituais. Vicença Bernardo de Melo, sua mãe, nasceu com dons mediúnicos e "por não ter se desenvolvido corretamente, passou a receber espíritos obsessores cada vez com mais frequência" que a atormentavam em seu cotidiano (ALVERGA, 1992, p. 77). A busca de ajuda para sua mãe fez com que Sebastião entrasse em contato com um curandeiro de nome Osvaldo. Como o próprio Sebastião também apresentava indícios de mediunidade, o curandeiro facilmente identificou nele a sensibilidade e capacidade de comunicação com o mundo espiritual.

Foi assim que, na região do Juruá-AM, seu Osvaldo deu seguimento à formação espiritual de Sebastião, ensinando-lhe rezas e orações, bem como a desenvolver sua mediunidade, profetizando, ainda, uma missão a cumprir nos tempos vindouros em outro estado: o Acre. Com esse curandeiro e os ensinamentos mediados por espíritos como *Professor Antônio Jorge* e *Doutor Bezerra de Menezes*, Sebastião aprendeu a realizar trabalhos de banca espírita que cumpriam papel importante numa Amazônia desassistida de atendimentos médicos e espirituais. Sebastião passou a ser conhecido como médico da beirada dos rios, assistindo toda sorte de necessitados que acorriam até ele em busca de cura.

Já iniciado nos saberes da cura, seu Osvaldo deu a Sebastião Mota orientações acerca de outras paisagens a serem visitadas, onde obteria conhecimentos que o levariam ainda mais longe em seu aprendizado. Assim, motivado por melhores condições materiais de vida, mas, sobretudo, por anseios espirituais, em agosto de 1957 Sebastião partiu com a esposa e filhos para Rio Branco-AC, dirigindo-se à localidade chamada *Colônia Cinco mil*.

No dia a dia, o trabalho material de Sebastião na agricultura era intercalado com os trabalhos de cura e atendimento à comunidade, uma vez que seus dotes de curador, iniciados no Juruá, logo se tornaram necessários. Conforme as situações e doenças surgiam, Sebastião ia sendo requisitado na missão de rezar, curar e aconselhar. A rotina diária, contudo, seria quebrada com uma doença súbita que impôs a Sebastião mudanças radicais em seu trajeto. Seu filho Alfredo Gregório de Melo associou a doença ao fato de que, quando Sebastião chegou no Acre, "ele foi muito perseguido por outros pontos espíritas que chamavam ele de macumbeiro". Em sua interpretação, "com as perseguição em cima dele, porque ele se tornou muito conhecido na caridade,

com a cura, de modo que ele adquiriu uma doença muito forte, muito problemática" (apud ALBUQUERQUE, 2021, p. 77).

Na movimentação em busca de ajuda, desenganado dos médicos e outros especialistas que havia consultado, Sebastião tomou conhecimento de um certo curandeiro – Sr. Raimundo Irineu Serra – conhecido como Mestre Irineu, que realizava trabalhos espirituais com o daime nos arredores de Rio Branco. Dirigindo-se até seu Centro, num lugar chamado Alto Santo, Sebastião tomou a bebida servida pelo Mestre e não sentiu nada inicialmente. Aos poucos, contudo, a força do daime foi chegando e foi então que, segundo suas próprias palavras: "o mundo acabou-se!" (ALBUQUERQUE, 2021, p. 79).

Em transe, Sebastião Mota vivenciou um processo de cura espiritual profundo, de modo que, no dia seguinte, era como se "nunca tivesse tido nada" (apud ALVERGA, 1998, p. 60). Sentindo-se plenamente curado, tornou-se adepto do Santo Daime e passou a frequentar o Centro de Irineu Serra, local acessível somente após árdua jornada: "Foram quase três horas de caminhada varando campos e trilhas por dentro de Colônias, seguindo uma rota que ligava as duas estradas paralelas" (MORTIMER, 2000, p. 61).

A frequência assídua aos trabalhos espirituais do Mestre Irineu, todos eles marcados pelo canto de hinos e acompanhados por instrumentos musicais, contribuiu para despertar em Sebastião um antigo saber musical que trouxera consigo desde a juventude no Juruá, quando substituía seu pai, Manoel Mota, nas festas dos seringais. Em seu processo de aprimoramento espiritual, ao ingressar no Santo Daime Sebastião passou a receber, mediunicamente, seus próprios hinos, cumprindo as profecias do curandeiro Osvaldo sobre um certo aprendizado que iria vivenciar no estado do Acre. Desse modo, com os dons mediúnicos que desde cedo o acompanharam, Sebastião desenvolveu extensa obra musical materializada em um conjunto de hinos que compõem os hinários *O Justiceiro*, com 156 hinos recebidos até 1978, e *Nova Jerusalém* que, encerrado em 1990, ano de sua morte, é constituído de 26 hinos (ALBUQUERQUE, 2021).

Como aluno aplicado na escola do Mestre Irineu, em pouco tempo aprendeu os saberes de feitor do daime. Em vista disso, recebeu a autorização do Mestre para preparar e usar a bebida em sua própria comunidade, na Colônia Cinco Mil, dando início à formação de um culto familiar, com destaque para adesão da esposa Rita Gregório, seus filhos e amigos. Assim, paralelo às idas ao Alto Santo, sempre acompanhado de muita gente, Sebastião passou a realizar seus próprios trabalhos com o daime em sua casa e, paulatinamente, foi se formando como uma liderança religiosa respeitada pelo "fato de ser

espírita, homem de trabalho e exemplo de vida familiar" (MORTIMER, 2000, p. 67). O engajamento na nova doutrina fez com que se destacasse entre os discípulos, de modo que, aos poucos, construiu seus próprios saberes espirituais, os quais, junto com seu carisma pessoal, renderam-lhe, posteriormente, o título de "Padrinho" e líder religioso de uma comunidade de pessoas que o seguem até os dias de hoje, a despeito de sua morte nos anos de 1990.

Após a morte de Irineu Serra, em 1971, disputas internas, relativas à sucessão na direção dos trabalhos, levaram Sebastião Mota a desligar-se do Alto Santo. Segundo Mortimer (2000, p. 72-73):

> O fato de sobressair no seio da pequena sociedade daimista composta de umas quinhentas pessoas, de ter uma missão de destaque e ter um grupo de sustentação, despertava tanto a admiração de veteranos como também o ciúme e a inveja de alguns que consideravam Sebastião um novato pretensioso.

Com as tensões estabelecidas, Sebastião Mota desligou-se do Alto Santo e ao dar continuidade aos trabalhos com o daime em sua casa, na Colônia Cinco Mil, fundou, em 1974, o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS), configurando uma escola própria no âmbito da religião do Santo Daime.[6]

Conhecida como a "Linha do Padrinho Sebastião", ela abriga em seu interior uma diversidade de centros, mas que têm entre suas características a convivência com diferentes cosmologias, entre as quais o xamanismo, influências católicas e afroindígenas, além do espiritismo e o esoterismo. Segundo Assis e Labate (2014, p. 14), tais "características já diferenciava, desde então, a Linha do Padrinho Sebastião do núcleo do Alto Santo, menos permeável a mudanças e novidades". Outra marca dessa Linha é o seu caráter expansionista, evidente a partir da existência de centros ou escolas em diversas partes do Brasil e do exterior que se propõe a seguir os ensinamentos do Mestre Irineu e do Padrinho Sebastião.

Com seu carisma e abertura para com o próximo, Sebastião logrou ao longo da vida uma diversidade de afilhados, amigos e admiradores que com ele trocaram afetos e ensinamentos. Dentre os admiradores e amigos, desponta Francisca Campos do Nascimento, conhecida como Madrinha Chica.

[6] Após uma reforma administrativa, o CEFLURIS passou a ser designado como ICEFLU - Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal, Patrono Sebastião Mota de Melo.

Filha de Raimunda Luiza Campos e Manoel Pereira Campos, irmã mais nova de Apolinário Pereira Campos, Francisca nasceu no dia 7 de junho de 1934 em uma colônia na Vila Antimari-AM. Segundo Machado *et al.* (2017), o local onde Francisca veio ao mundo era um território de grande hibridismo cultural, hoje situado no município Boca do Acre. Na época, havia extração da borracha nos seringais, fato social que provocou o encontro entre imigrantes predominantemente nordestinos e pelo menos seis etnias indígenas originárias daquela região (SILVA, 2022).

Nesse período, a cidade de Rio Branco, local onde Francisca Campos do Nascimento viria a morar em meados da década de 1940, passava por um processo acelerado de urbanização, tornando-se o centro das decisões econômicas no mercado da borracha na "Era de Getúlio Vargas". Na década de 1930 e posteriormente na década de 1940, cerca de sessenta mil nordestinos foram levados ao Acre por incentivo governamental, porém, de forma precária, "trazendo o mínimo para a sobrevivência nas selvas e sem conhecimento algum sobre os seus direitos nem sobre o volume monetário" em torno dos seus trabalhos (ALMEIDA; SOUZA, 2008, p. 16).

Quando Francisca estava sendo gestada, por não haver assistência médica regular, a própria cultura amazonense se encarregou de gerir e garantir os cuidados na gravidez de sua mãe com os saberes de uma parteira local. No parto de dona Raimunda, mãe de Francisca, quem deu assistência foi dona Maria das Neves Moreira, sua vizinha. Esta tornou-se madrinha de batismo e futuramente a mãe adotiva de Chiquinha, pois o pai e a mãe da criança faleceram quando ela tinha cerca de três anos de idade. De modo geral, as pesquisas narram que Francisca desconheceu o motivo da morte dos seus pais. Porém, segundo relato oral de Alcimar, filho da madrinha, os seus avós morreram, provavelmente, vítimas da malária ou da febre amarela (MERCANTE, 2012, p. 72).

Conforme Machado *et al.* (2017), devido à orfandade, Francisca e o seu irmão foram criados separados. Chiquinha, foi adotada por Maria das Neves e por Manoel Balbino, comerciante que transportava desde bebidas à tecidos de borracha. Em sua nova família, Francisca viveu com outros irmãos e irmãs, alguns também faleceram vitimados pela febre amarela, pelo sarampo e por complicações alimentares. Durante a sua infância, apesar da carência de recursos materiais, não faltaram alimentos materiais e espirituais. Os pais adotivos de Francisca trabalhavam na agricultura, mantendo uma plantação familiar em uma colônia. Espiritualmente, a nutrição religiosa de Chiquinha esteve ligada à Igreja Católica, sendo confirmada no batismo, primeira

comunhão e a crisma. Na juventude, Francisca trabalhou em casas de farinha, colhendo macaxeira, feijão e quebrando milho. Além disso, trabalhou também como costureira e empregada doméstica, morando em uma casa de família por três anos:

> Empregou-se na casa de seu Chico Padeiro, que ficava nas redondezas do atual Terminal Urbano. A partir desse momento não estudou mais na escola formal. Os afazeres domésticos a deixavam tão cansada, que não conseguiu mais estudar no período noturno (MACHADO *et al.*, 2017, p. 13).

Em depoimentos informais, Francisca narra a questão da sua baixa escolaridade, muitas vezes se reconhecendo como analfabeta: “eu não tenho estudo, como vocês têm” (apud SILVA, 2022, p. 111). Assim como milhares de mulheres nortistas nascidas na terceira década do século XX, Madrinha Chica sofreu os impactos estruturais de um modelo social e político esmagadoramente capitalista, colonialista e patriarcal. As condições de vida da pequena Chiquinha não era uma exceção à regra, foi uma criança amazonense órfã de pai e mãe, pouco estudou na escola formal e não experimentou a liberdade brincante da meninice, como ela mesma confirma neste relato: “não tive infância, eu fui criada pelos meus pais de criação, eu realmente não tinha a chance de brincar, isso e aquilo outro, essas coisas que existem hoje” (apud MACHADO *et al.*, 2017, p. 10).

Tal como Sebastião, porém, no contexto da tradição da Barquinha, Francisca também se encontrou com o daime – o remédio da floresta amazônica – para se tratar de um grave adoecimento físico que a acometia em sua vida adulta. Nessa época, conforme Santos (2021), Francisca já havia se casado com o paraibano Francisco Gabriel do Nascimento no ano de 1953, constituindo uma grande família em meio às lutas diárias pela sobrevivência e sustentação dos filhos. O encontro com a bebida de origem indígena foi um acontecimento de grandes proporções para a vida de Francisca, mulher de fé católica, expandindo a sua compreensão acerca da espiritualidade brasileira e das suas próprias potencialidades humanas. O encontro com o daime também teve uma função educativa, ensinando Francisca a se conhecer nas experiências rituais e sagradas com a bebida, abrindo-se para um amplo espaço de aprendizagens antes não imaginadas em seus códigos existenciais.

Segundo Marcelo Mercante (2012, p. 74) e Cristiane Albuquerque Costa (2019), Francisca foi levada pelo seu esposo Chico Gabriel até a casa de Daniel Pereira de Mattos, angustiada e pedindo algum tratamento para o seu

corpo que estava coberto de feridas que apareciam como tumores, provocando coceiras e muita ardência. Os médicos locais não encontravam a causa e nem um prognóstico favorável diante do quadro clínico de dona Francisca, mandando-a de volta para casa sem esperanças de cura. O maior temor de Francisca era deixar as suas três filhas pequenas órfãs, assim como ela vivenciou e sabia das duras consequências.

Diante daquela situação de adoecimento, Chico Gabriel se lembrou de um homem com fama de bom curador que conhecera anteriormente, quando estava realizando um serviço de carpintaria próximo ao bairro Vila Ivonete. Francisco sabia que o Mestre Daniel residia naquela região, pois já o tinha visitado juntamente com um amigo, possivelmente no ano de 1946 (MACHADO *et al.*, 2017).

Conforme Silva (2022), era uma manhã ensolarada, dia 20 de maio de 1957, quando Daniel recebeu o casal para auxiliá-los na sua Capelinha de São Francisco. Percebendo um grande sofrimento na feição de Francisca, o Mestre solicitou que ela entrasse em sua igrejinha simples, ofereceu-lhe água e pediu para ela se sentar em um dos banquinhos de madeira. Naquele dia acolhedor, Francisca tomou apenas uma pequena quantidade de daime como remédio. Percebendo o constrangimento daquela mulher que imaginava ter uma doença contagiosa, Daniel recomendou à irmandade presente na sessão que não tivessem medo, pois a doença de Francisca era apenas dela, feita somente para ela. O que ela tinha era um malefício recebido espiritualmente: era um "mal secreto".

Mestre Daniel pediu ao irmão José Joaquim para tomar o daime e fazer uma busca espiritual, averiguando a condição de Francisca. Segundo Eloi Magalhães (2014), José Joaquim era a pessoa responsável pelas procurações espirituais, auxiliado pelo daime a buscar as explicações para os problemas das pessoas que chegavam à Capelinha de São Francisco. Mestre Daniel "passava o visto" final, confirmando ou refazendo a procura, além disso, propunha um tratamento aos consulentes.

Diante das buscas espirituais, Daniel estava convicto da possibilidade de cura de dona Chiquinha, como ele gostava de chamá-la. Conta-se então, que em outra oportunidade Daniel pediu para Chiquinha enxugar as lágrimas e perguntou por três vezes se ela acreditava em São Francisco das Chagas. Ela respondeu que acreditava! Diante daquele ato de fé, dizia o Mestre que ela então seria curada, mas levaria algum tempo. Esta confirmação trouxe um grande alívio para Francisca, pois encontrou naquela capelinha um apoio

espiritual e emocional, além de ser orientada pelo Mestre a retornar com a amamentação da sua terceira filha (Francisca das Chagas), recém-nascida.

Desde a chegada de Francisca à tradição da Barquinha, iniciou-se para ela uma jornada que se resume na palavra caridade. Pela via da religiosidade daimista, Francisca conheceu uma vida mais afirmativa e potente, driblando a morte. Além do tratamento com o daime, segundo Sandra Goulart (2004, p. 149), Chica Gabriel se submeteu a um longo tratamento que "implicou numa série de procedimentos, combinando-se receitas fitoterápicas a de 'remédios de farmácia', indicados pelo próprio Mestre Daniel". Após sete anos Francisca se viu completamente saudável, prometendo seguir naquela linha espiritual até o dia em que Deus determinasse.

As práticas curativas que o Mestre Daniel oferecia eram muito requisitadas entre a população rural. São heranças da ciência encantada dos pajés, benzedeiras e xamãs da floresta amazônica, principais curandeiros daquelas regiões que na época eram desassistidas pela medicina oficial. Francisca esteve junto com o Mestre Daniel por pouco mais de um ano e depois passou mais de três décadas se desenvolvendo como uma marinheira-aprendiz no primeiro Centro fundado após a morte do Mestre, até edificar o seu próprio seguimento (FLORES, 2020).

Atualmente, Chica Gabriel é considerada uma professora e líder religiosa na escola da Barquinha, sendo uma pessoa de singular importância na história deste movimento religioso. Segundo Machado *et al.* (2017) e Goulart (2004), durante o curto e intenso período em que esteve ao lado de Daniel e nos anos seguintes após a morte do seu principal professor, Francisca se destacou principalmente na aprendizagem do desenvolvimento mediúnico. Francisca se tornou a primeira médium a trabalhar oficialmente nas Obras de Caridade na tradição da Barquinha, incorporando o encantado *Príncipe Espadarte do Mar*. Destacando-se como uma mulher que foi ganhando espaço e respeito em uma religiosidade culturalmente patriarcal, Chica Gabriel também se tornou referência para futuras lideranças de mulheres em seu segmento e outros grupos na rede ayahuasqueira, em geral (SILVA, 2022).

Com o passar dos anos, Chica Gabriel aprendeu habilidades musicais, cantando salmos na igreja e pontos no terreiro, desenvolvendo saberes como oradora, benzedeira, além das capacidades curativas com as entidades espirituais, irradiada na luz do daime. Essa mulher que é pequenina em estatura, sempre foi muito procurada para benzer e aconselhar a comunidade local, sendo reconhecida como "Madrinha" antes mesmo de fundar o seu próprio seguimento. No Centro Espírita e Culto de Oração "Casa de Jesus

Fonte de Luz", local onde a Madrinha Francisca prestou a caridade por 34 anos, ensinava os valores cristãos para as crianças aos domingos, confeccionava as fardas oficiais dos marinheiros, ornamentava o andor dos santos, além de produzir as lembrancinhas para as datas comemorativas ao final das romarias. Madrinha Francisca era uma marinheira que assumia muitas funções, fruto da sua singular inteligência e atitude ativa no cumprimento com os compromissos da casa, seguindo rigorosamente com as responsabilidades que lhe foram confiadas pelo Mestre Daniel e demais presidentes da tradição.

A partir das primeiras dissidências de alguns membros no movimento religioso da Barquinha, coube à futura líder comunitária desenvolver saberes ético-políticos, frente aos conflitos e fissões internas na doutrina do Mestre Daniel. Segundo Goulart (2004), a liderança carismática de Francisca provocou grandes incômodos e até mesmo ciúmes no então presidente Manuel Hipólito de Araújo. Consequentemente, a Madrinha Francisca optou por deixar o centro matriz no ano de 1991, após sofrer retaliações do presidente (SILVA, 2022).

Houve uma colaboração coletiva para que Francisca pudesse continuar a sua missão na doutrina de Daniel Pereira de Mattos. Apoiada por sua família, afilhados e consulentes das suas entidades, em março de 1992 dona Chica Gabriel realizou a primeira romaria em louvor a São José, como líder do seu segmento intitulado Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte. Como dirigente, a Madrinha Chica trouxe uma proximidade maior da Barquinha com os cultos afro-brasileiros, em especial com a linha da umbanda. Na direção espiritual desta religiosidade, Francisca oferece maior liberdade, tolerância e oportunidades para que os médiuns e as entidades do seu segmento possam se desenvolver espiritualmente com a prática da incorporação (COSTA, 2019; SANTOS, 2021; SILVA, 2022).

Os ensinamentos, rezas, bençãos e caridades de Chica Gabriel, têm sido narrados de boca a boca com grande admiração pelas comunidades daimistas no Brasil, mas principalmente em Rio Branco, capital das religiões ayahuasqueiras. Mas, com quem Francisca e Sebastião lograram seus conhecimentos? Que mestres e em que lugares de aprendizagens se formaram, uma vez que eram praticamente desescolarizados?

3 A formação com sujeitos não humanos e lugares outros de conhecimentos

Homem da floresta, Sebastião Mota gostava de dizer que “quanto mais índio o senhor for, melhor” (apud ALBUQUERQUE, 2009, p. 58), dando a entender o cabedal de saberes indígenas que os processos de mestiçagem cultural nos legaram, em particular, a indivíduos como ele que aprendeu a andar na mata, extrair e defumar o látex, caçar ou pescar. A importância da floresta em sua vida a configura como lócus fundamental de suas aprendizagens e, por que não dizer, como sua primeira professora. Muito mais que espaço de trabalho e subsistência, florestas e rios despontam como fontes de estudo, como bem afirmou Mortimer (2000, p. 14):

> O caudaloso Rio Juruá, pródigo em peixes, era outra fonte de estudo e mistérios. Ouviam-se estórias do boto encantado que seduzia crianças e moças, também de imensas cobras sucuris, a sucurijú, que alagava a canoa impiedosamente para abocanhar o almoço humano depois do abraço fatal.

Nos referimos aqui a uma noção ampliada não apenas de educação, mas também dos múltiplos agentes mediadores da formação, que tanto podem ser humanos, tradicionalmente chamados de professores, mas também não humanos a exemplo da própria floresta ou das entidades que nela habitam, com quem também é possível aprender coisas, conforme ocorreu com Sebastião. Trata-se, assim, de um tipo de educação em que fronteiras clássicas da ciência ocidental são borradas o que implica reconhecer que o mundo é muito mais que o mundo humano (ALBUQUERQUE, 2011), e, ao mesmo tempo, “de levar a sério o pertencimento de todos os seres que habitam o mundo à trama da vida” (STEIL; CARVALHO, 2012, p. 11).

Segundo esses autores, o antropólogo Tim Ingold, ao criticar dicotomias como cultura e natureza ou humano e não humano, afirma a impossibilidade do ser humano se situar fora do mundo, como se fosse autônomo e independente das forças da natureza. Ao fazer isso, ele põe em discussão um dos pilares do humanismo científico ocidental, na medida em que postula uma teoria do conhecimento que se funda na simetria entre todos os seres habitantes do mundo-ambiente. Para Steil e Carvalho (2012), Ingold estabelece “uma equivalência que atinge a todas as formas materiais de vida que interagem e se transformam na atmosfera, independentemente das formas orgânicas que assumam ou da qualidade da sua consciência” (STEIL; CARVALHO, 2012, p. 9).

Inspirados em tais postulados, reforçamos uma noção alargada de educação que considera ser possível aprender tanto com os humanos quanto

com a própria natureza. Tal foi o caso da educação de Sebastião Mota em que, além da natureza configurar-se como importante mestra, diversos agentes estiveram presentes em sua formação sem, necessariamente, lograrem o *status* de "professor", conforme o sentido dicionarizado do termo, isto é, aquele que professa, que ensina uma matéria de estudo e necessita de qualificação acadêmica e pedagógica para efetivar sua prática.

Sob outra lógica, um pedreiro graduado também pode ser chamado de mestre e, talvez por isso, a noção de mestre como alguém versado em qualquer ciência ou arte, melhor se aplique à formação de Sebastião. Afinal, embora não tenha aprendido com as aulas de um professor tradicional, isso não significou que não teve em sua trajetória de vida diversos mestres ou "professores".

Do mesmo modo, o fato de não ter frequentado uma escola formal de ensino não o impediu de obter aprendizagens em lugares *outros* que extrapolam as visões correntes sobre os espaços e academias do saber. Tal foi o caso das florestas ou o fundo dos rios que despontam como "lugares de aprendizagem". Neste aspecto, corroboramos as afirmações de Elizabeth Ellsworth (2005) de que a formação humana pode se expressar em diversos espaços socioculturais considerados como "lugares de aprendizagem".

Além das florestas, Sebastião Mota obteve conhecimentos pela via dos sonhos e das viagens astrais. A esse respeito, trazemos um recorte de sua fala que diz assim:

> Desde os oito anos comecei voando no mundo e conhecendo tudo! Tim- -tim por tim-tim! Mas os homens não davam valor àquilo que para mim era um sonho. Eu ia e vinha. Vinha aquelas coisas pra mim. Dizia pros outros, ninguém acreditava, quando davam fé, acontecia! (apud ALVERGA, 1998, p. 138).

Em outra ocasião também afirma que "desde esse tempo eu viajava no astral, eu via muita coisa que ainda não tinha aparecido materialmente" (apud ALVERGA, 1998, p. 142). As viagens astrais configuravam-se, portanto, como momento de aprendizagem em que ele conhecia e via muita coisa como ele mesmo narra. Outro espaço de saber, que transcende a lógica da ciência pedagógica moderna, é o fundo dos rios, possível de se depreender de sua própria afirmação:

> O meu conhecimento é total. Eu andei no fundo do mar lá no Rio de Janeiro, lá eu entrei no mar. Até que foi indo, foi indo e eu comecei a atuar e dizendo como era o astral, entrando na

> floresta, entrando nas águas e, em conformidade com cada uma delas, eu tinha visões (apud ALVERGA, 1998, p. 139).

Outra situação de aprendizagem se constata a partir da seguinte afirmação de Sebastião:

> eu passei 40 anos sem sair do chão, sem voar, sem andar por cima das águas nem nada [...]. Depois voei, corri o mundo todo. Eu andei por todo o território da floresta, eu corri os astrais todos. Eu fui em lugares de conhecimento, de conhecimento mesmo (apud ALVERGA, 1998, p. 135).

A história de vida de Sebastião permite, assim, ampliar os horizontes da educação ao descortinar o território da floresta, o astral e o fundo do rio, como *lugares de conhecimento,* conforme sua própria categorização.

Em direção semelhante, Madrinha Francisca embora tenha sido levada a interromper sua trajetória escolar aos moldes de uma instituição formal de ensino, obteve diversas aprendizagens com sujeitos humanos e não humanos, que desafiam a pedagogia ocidental. Versada na escola-mundo, dona Chica Gabriel aprendeu sofisticados saberes em sua formação "com os ensinamentos da Vida" e com o Mestre Daniel, mas também com as entidades nos reinos encantados do mar, conduzida pelas profundas experiências com o daime na Barquinha.

Nesta lógica, antes de se levantar para ensinar, Francisca se sentou para aprender e até hoje continua aprendendo aos 89 anos de idade, sendo uma aluna exemplar na escola de São Francisco das Chagas, seu santo professor. Antes de chegar na Capelinha de São Francisco no ano de 1957, Francisca teve importantes aprendizagens espirituais com as rezas das "novenas" na Igreja Católica, pois a sua família adotiva era muito religiosa (MACHADO *et al.*, 2017, p. 10). Na época em que era exclusivamente católica, as igrejas do eixo norte-nordeste eram lideradas principalmente por padres leigos, livres-pensadores carismáticos, beatos e ermitões. Estes líderes populares, traziam a expressão de uma religiosidade descentralizada que promoviam festas para os santos cultuados no Brasil colonial, recolhendo e distribuindo esmolas, rezando terços, ladainhas e novenas a partir de manifestações espontâneas da fé popular (OLIVEIRA, 2002, p. 20-21). Para Mercante (2012), ao invés das missas dominicais, as organizações leigas rezavam o rosário de Nossa Senhora, compromisso dominical que a madrinha ensina aos seus afilhados até os dias atuais.

Ao chegar na casa de Daniel Pereira de Mattos, Francisca se deparou com rituais que traziam as influências religiosas do catolicismo nordestino. Conforme Silva (2022), a pequena capelinha do Mestre Daniel incorporava elementos devocionais e rituais do Maranhão, sua terra natal, alargando as ideias acerca da religiosidade cristã. As matrizes afro-maranhenses e o catolicismo nordestino se somavam com a forte presença da cultura popular acreana e a espiritualidade amazônica contidas na ayahuasca/daime, sintetizando a tradição que, posteriormente, ficou conhecida como Barquinha.

Segundo Labate e Pacheco (2009), as doutrinas daimistas são fortemente influenciadas em seus rituais pelas expressões litúrgicas das seguintes tradições: Tambor de Mina, Caixeiras do Divino Espírito Santo, Baile de São Gonçalo e a Pajelança maranhense. Todos esses saberes estavam presentes e incorporados na Capelinha de São Francisco, no processo de formação de dona Francisca. Conforme Rodrigues *et al.* (2018), Mestre Daniel trouxe a ciência dos seres encantados para a sua doutrina: esses saberes são revelados no uso das ervas, na ornamentação da igrejinha, nos instrumentos utilizados para os trabalhos curativos, nas narrativas míticas dos salmos e no balanço musical em seu ritual. Desse modo, apoiados nos estudos acadêmicos recentes sobre essa tradição, afirmamos que dona Chica Gabriel foi uma exímia aprendiz dos procedimentos rituais na Barquinha, demonstrando, desde a sua chegada na doutrina, uma singular habilidade em compreender e executar as funções litúrgicas com rigor e precisão (SANTOS, 2021; SILVA, 2022).

A “escola” da Barquinha ensinou Francisca a zelar por um saber espiritual que harmoniza a relação entre o daime, a concentração mental, a oração, a mediunidade e a musicalidade, conforme o depoimento de João Batista, seu filho:

> A Barquinha, ela tem uma diversidade muito grande de coisas, né? Mas o forte, assim, que eu acho dentro da Barquinha é a música. [...] Mesmo porque Frei Daniel, ele era músico. Ele era maestro, ele tinha conhecimento da música. (João Batista apud SILVA, 2022, p. 127).

Ao ressaltarmos a importância da musicalidade na Barquinha, torna-se possível afirmar que Francisca passou por um processo formativo envolvendo o desenvolvimento de suas habilidades musicais, sobretudo pelo respeito e admiração que ela demonstra pelos ensinamentos deixados por seu professor e maestro. Desde os momentos vividos ao lado do Mestre Daniel, até a

posterior estruturação ritualística da doutrina, realizada pelo Mestre Antônio Geraldo que também era um excelente músico, Francisca aprendeu que a palavra sagrada é também a palavra cantada. Conforme Silva (2022, p. 163), Francisca recebeu mediunicamente cerca de 70 canções, entre salmos, hinos e pontos, "outros tantos se perderam pela falta de registro". Portanto, o saber musical sempre esteve presente na pedagogia da Barquinha, pois nesta doutrina o aprendizado dos salmos compõe um dos principais pilares do ritual sagrado, ornando a complexa formação religiosa de dona Chica Gabriel.

Além desses lugares e sujeitos outros de aprendizagens, ressaltamos o daime como uma planta professora de Francisca. Após alguns meses frequentando os cultos na Capelinha de São Francisco, no dia 15 de agosto de 1957 (dia de Nossa Senhora da Glória), Francisca recebeu um "daime especial" pelas mãos do Mestre Daniel, dizendo a ela que seria levada para o fundo do mar, onde receberia uma limpeza de sua "croa" e um preparo espiritual muito importante para cumprir a sua missão. Esse dia ficou marcado na memória de Francisca, na história da Barquinha e no calendário litúrgico do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte.

Seguem as palavras da própria Madrinha Francisca, sobre esse acontecimento pedagógico:

> Numa data de quinze de agosto. Justamente era já pra mim me aprofundar e conhecer também os mistérios, as próprias entidades a quem eu tinha me comprometido de trabalhar, que me pertencia, né! Justamente ele me disse que ia me dar o Daime que era pra receber um trabalho, um preparo no fundo do mar. Ele disse: Dona Chiquinha a senhora hoje vai na pedra do Oceano, a senhora vai no fundo do mar, a senhora vai receber todo preparo que a senhora tem de receber. É lá que a senhora vai receber. Ele disse que eu ia receber no fundo do mar e que tinha uma entidade que ia lavar a minha 'croa' no fundo do mar, nesse dia. E realmente eu trabalhei muito. Eu agradeço a Deus primeiramente, a Virgem Mãe, a São Francisco e a ele... ainda hoje, eu agradeço por tudo que recebi, porque ainda hoje tá me servindo (ALMEIDA; SOUZA, 2008, p. 51).

A partir de seu relato, somos convocados a pensar uma instigante questão: quais são os lugares possíveis de aprendizagens com o daime? Francisca afirma que tomou um daime servido pelo próprio Mestre Daniel e foi

levada ao "opélago do oceano",[7] onde obteve conhecimentos profundos sobre os seres do mar, que ainda hoje são importantes para a sua vida. Nesse sentido, compreendemos a educabilidade humana no plural, isto é, como educações pois, como diria o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1989, p. 7): "Ninguém escapa da educação". Tal fenômeno acontece em todos os lugares, uma vez que a educação "invade a vida", tanto na escola, quanto nas religiões, na experiência artística, no aperto de um transporte público, na fila de um mercado, em uma entrevista de emprego, enfim, em todos os momentos estamos envoltos em processos de ensino e aprendizagem, a exemplo das experiências com o daime.

Ao contar sobre sua viagem ao fundo do mar, Madrinha Francisca relata a ambientação sensorial daquele lugar debaixo d'água: "o frio e as sensações das águas tocando o seu corpo, a presença dos seres encantados, além das experiências auditivas nas profundezas do oceano" (SILVA, 2022, p. 193). A beleza e força epistemológica desse relato está no fato da Irmã de Caridade ter sido levada ao mar sagrado antes de ter conhecido o mar físico, conforme ela informou ao autor. Eis um exemplo do encontro entre os saberes da experiência com as ciências encantadas.

A experiência narrada pela madrinha evidencia que nem toda racionalidade se encontra dentro das academias universitárias, nas religiões hegemônicas ou na escolarização formal. Por isso, reafirmamos que diversos povos e grupos aprendem com professores não humanos e lugares outros de conhecimentos. Para Simas e Rufino (2018), os médiuns das religiosidades de terreiros emprestam os seus corpos para a experiência de transe e possessões, recebendo entidades variadas: príncipes do além-mar, mães d'água, pretos-velhos, crianças e seres que jamais imaginaríamos que pudessem existir. Na escola do Mestre Daniel, também baixam toda espécie de doutores encantados que ensinam sobre medicina popular, filosofia e histórias não contadas nos livros, além de estabelecerem linguagens que desatam os nós do pensamento ordinário, borrando as fronteiras abissais do conhecimento.

Na trajetória de vida de Sebastião e Francisca despontam uma diversidade de conexões que nos permitem flagrá-los como amigos e companheiros de jornada, a despeito da separação física entre eles e das especificidades de suas linhas religiosas.

[7] Essa expressão foi utilizada pelo próprio Mestre Daniel para se referir às profundezas do mar Sagrado.

4 Padrinho Sebastião e madrinha Francisca: diálogos e convergências na terra e no astral

Separados no tempo por quatorze anos de diferença, diversos aspectos interligam as histórias de vida de Sebastião Mota e Francisca Gabriel a começar pelo espaço geográfico onde nasceram, a Amazônia, economicamente atravessada pela extração da borracha. A vida nos seringais, portanto, influenciou fortemente os processos de singularização desses dois sujeitos.

A experimentação de condições adversas de vida, marcada pela carência de recursos materiais, conduziu ambos ao mundo do trabalho desde cedo. Formados na escola-mundo, desenvolveram diversos ofícios seja nos seringais, caça e pesca, no caso de Sebastião, seja nas casas de farinha, roça, costura e serviços domésticos, no caso de Francisca.

Para um corpo muito comprometido com o trabalho material, não sobrava tempo e condições para desenvolver o intelecto ou as atividades lúdicas que toda criança precisa durante o desenvolvimento psíquico e emocional. Desse modo, ambos tiveram suas infâncias roubadas, com memórias marcadas pelas condições materiais adversas, impactando em suas formações escolares, uma vez que o estudo de caneta e livro foi bem pouco em suas formações.

As origens religiosas de Sebastião e Francisca também dialogam entre si, uma vez que ambos foram atravessados pela força que o catolicismo popular desempenhava na Amazônia dos seringais. Os pais de Sebastião eram católicos, devotos de São Sebastião, muito embora na remota região do Juruá, onde viviam, esse fosse um catolicismo mais de sentimento do que de efetivas práticas em alguma igreja. Também criada no meio católico, a formação de Francisca, apresenta, contudo, um caráter religioso mais institucional na medida em que, além do batismo, ela foi também crismada, participando ativamente de uma "pequena igrejinha na Vila Floriano Peixoto" (MACHADO *et al.*, 2017, p. 10).

Já na vida adulta, um ponto aproxima, inexoravelmente, a vida de Sebastião e Francisca, direcionando suas trajetórias para o lugar de lideranças religiosas que ocupam nos dias de hoje: a doença. Cada um a seu modo, com uma dor específica, foi, contudo, o sofrimento que os levou a buscar um poderoso remédio que depois de tê-los curado, os arregimentou para o batalhão dos agentes de cura, rezadores e instrutores. Referimo-nos ao daime, que tanto Sebastião quanto Francisca receberam das mãos de Irineu Serra e

Daniel Mattos, provocando uma profunda alteração no curso de suas vidas. A doença, portanto, construiu um caminho de encontro desses dois sujeitos com a ancestralidade, apontando primeiramente para o corpo como lugar de identificação e expressões dos males espirituais.

Desenganados da medicina oficial, foi através do daime que ambos vivenciaram um processo profundo de cura que os habilitaria, no futuro, a trabalhar com essa divina medicina na cura e atendimento de diversos doentes do corpo e do espírito. O ofício da cura é um ponto de encontro fundamental entre Sebastião e Francisca. Desde cedo Sebastião já apresentava indícios de uma forte mediunidade, descoberta e desenvolvida pelo curandeiro Osvaldo. Com o daime, os serviços de cura já existentes desde o tempo do Juruá, se intensificaram, abrindo espaço para os trabalhos mediúnicos com o concurso de entidades de diversos panteões.

Trilhando caminhos análogos, vemos na trajetória espiritual de Francisca o desenvolvimento mediúnico que a conduziu ao trabalho missionário nas Obras de Caridade na religião em que se formou como médium: a Barquinha, sendo também muito procurada nas artes de benzer e aconselhar. Francisca continua trabalhando com o encantado *Soldado Guerreiro Príncipe Dom Simeão*, com o *preto-velho Pai Vicentino do Mar* e tantos outros seres que ao lado dela, ainda prestam a caridade no bairro Vila Ivonete, na cidade de Rio Branco.

O ingresso de Sebastião e Francisca, cada um a seu tempo, nas religiões do Santo Daime e da Barquinha capacitou-os ao recebimento mediúnico de hinos e salmos, respectivamente, versos cantados que traduzem a história, os valores e ensinamentos espirituais dessas religiões e suas cosmologias, ambas centradas no daime. Desse professor vegetal, tanto Sebastião quanto Francisca obtiveram grandes ensinamentos que, de diversos modos, os conecta, por vezes, a partir de uma simples palavra, a exemplo do hino número 10, do hinário *O Justiceiro*, de Sebastião, chamado “A Barquinha” em cuja estrofe se lê:

A Barquinha vem seguindo
Vem na minha direção
O povo que eu vejo nela
É da Virgem da Conceição

Nessa barca sagrada navega o povo da Virgem da Conceição, esta que é considerada “Mãe Soberana” em ambas as tradições. Tanto os hinos do Santo Daime, quanto os salmos da Barquinha são cantados acompanhados de

instrumentos musicais. Como planta professora, há quem relate que o próprio daime ensina tais habilidades aos adeptos. Sebastião Mota, embora já soubesse tocar violão desde os tempos do Juruá, quando acompanhava seu pai nos forrós dos seringais, desenvolveu-se musicalmente dentro da própria doutrina onde se destacou como músico. Sob esse ângulo, apesar de não tocar instrumentos musicais, dona Francisca por muitos anos cantou salmos na igreja e pontos no terreiro sob as irradiações espirituais na luz do daime.

Sebastião Mota fez sua passagem espiritual no ano de 1990. Entretanto, Madrinha Francisca o conheceu em vida ao visitar sua comunidade na Colônia Cinco Mil, juntamente com Mestre Antônio Geraldo, presidente da Barquinha à época. Madrinha relata em entrevista cedida para o Canal Jagube (2020)[8] que admirava a forma como Sebastião tratava as pessoas, fato que ensejou a existência de um profundo sentimento de respeito e amizade que perdura mesmo ambos vivendo em planos diferentes da existência. Isto pode ser exemplificado pelo hino o *ABC de Juramidam*, recebido pela Madrinha Francisca e atribuído ao espírito do Padrinho Sebastião, onde, em um dos trechos, ele afirma que "todos que tem sua doutrina, todos tem seu galardão", muito embora "nem todos sabem ser amigos e se unir aos seus irmãos".[9] Estaria Sebastião se referindo a ele próprio e a sua velha amiga, em suas singularidades como lideranças que contribuíram na construção de uma doutrina, obtendo, cada um, "seu galardão" pelos serviços valiosos prestados à sociedade?

As conexões astrais que entrelaçam as vidas de Sebastião e Francisca também se podem conferir no hino intitulado "Uma provação de amor", recebido mediunicamente pela madrinha e de autoria, declarada, do Padrinho Sebastião. Em uma das estrofes, o espírito de Sebastião afirma que "entrou nos mistérios", isto é, na missão espiritual do Mestre Daniel, zelada pela madrinha, juntamente com entidades que fazem parte de sua história, dando a entender a existência de uma amizade que nasceu na terra e continua no astral, conforme se lê no verso abaixo:

Eu entrei nos mistérios
Desta linda missão
Com o soldado guerreiro

[8] Entrevista realizada em outubro de 2020 na cidade Rio Branco, durante as comemorações do Centenário do Padrinho Sebastião. O arquivo audiovisual também se encontra disponível no acervo memorial do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte (CEOCPE).

[9] Fragmento do hino "O ABC de Juramidam", recebido por Francisca Campos do Nascimento - acervo memorial CEOCPE.

Mártir São Sebastião

Mártir São Sebastião
A Virgem da Conceição
O irmão Frei Daniel
E o Príncipe Dom Simeão

No verso seguinte, do mesmo hino, a fim de que ninguém duvide de sua "provação de amor", afirma que:

Agora vou me identificar
A todos meus irmãos
Sou o irmão Sebastião Mota
Amigo de todos meus irmãos.[10]

Sintonizados na missão de amor e caridade, tanto Sebastião quanto Francisca estiveram unidos pelas tensões, conflitos e perseguições que sofrem todos aqueles que se destacam em sua luz própria no caminho espiritual. Foram determinados conflitos que induziram Sebastião Mota a desligar-se do Alto Santo, a sede original do Mestre Irineu Serra, e dar continuidade aos trabalhos com o daime em sua própria casa, na Colônia Cinco Mil, fundando, em 1974, uma linha própria. Conhecida como a "Linha do Padrinho Sebastião" que abriga em seu interior uma diversidade de cosmologias, entre as quais o xamanismo, influências católicas e afroindígenas, o espiritismo e o esoterismo.

Com as primeiras dissidências de membros no movimento religioso da Barquinha, madrinha Francisca também se desligou do centro matriz, no ano de 1991, fundando seu próprio Centro sintonizado com os cultos afro-brasileiros, em especial com a linha da umbanda, possibilitando maior liberdade para que os médiuns e as entidades da casa trabalhem a prática da incorporação, tal como também se admite na linha do Padrinho, em rituais próprios.

Outro aspecto fundamental na história de vida desses sujeitos, foi a vocação para o ensino, ainda que ambos não fossem versados na ciência escolar. Com seus carismas, capacidade de ouvir e aconselhar criaram verdadeiras escolas de conhecimento que formam pessoas em diversos lugares onde ressoam tais ensinamentos. Mesmo desencarnado, as igrejas/escolas de Sebastião seguem firme Brasil e mundo afora. Do mesmo modo, Madrinha Francisca segue firme seu humilde magistério vivenciado na altura dos seus 89 anos.

[10] Fragmento do hino "Uma provação de amor", recebido por Francisca Campos do Nascimento – acervo memorial CEOCPE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geralmente quando pensamos na educação ou na formação humana, tendemos a imaginar isso acontecendo em espaços tais como escolas, museus, cinemas, dentre outros espaços de natureza pedagógica. Outra tendência é considerarmos a tarefa de ensinar como um ato exclusivamente humano.

Todavia, nem sempre os grupos humanos adquirem conhecimento consultando, exclusivamente, a escola, os livros, os laboratórios e os professores em um âmbito formal e humano. Segundo Albuquerque (2011, p. 26): “Em vez disso, consultam fungos, cipós, raízes, cascas ou folhas, consumidos para fins festivos, políticos, religiosos ou de curas, servindo, portanto, como fontes de conhecimentos para a vida prática ou futura”. Assim, ao refletirmos sobre a dimensão educativa do daime, colocamos em evidência a importância da desconstrução do antropoceno, bem como da descolonização do conhecimento, uma vez que o humano não é o centro do mundo, nem o centro do saber (KRENAK, 2019).

A partir de recortes extraídos das histórias de vida de Sebastião e Francisca, ressaltamos a existência de processos educativos mediados por entes não humanos, como os seres espirituais e o daime. Procuramos evidenciar como as aprendizagens mediadas por uma bebida feita de plantas professoras, amplia o entendimento sobre com quem podemos obter conhecimentos, para além da agência humana.

Com isso, muito além das tradicionais instituições formadoras do humano, procuramos também destacar a existência de lugares outros de aprendizagens, a exemplo do fundo dos rios ou do mar, que despontam como espaços de saberes e modos de subjetivação singulares em que Sebastião e Francisca se formaram.

Conforme Albuquerque (2021), como uma espécie de xamã da floresta, Sebastião Mota, além de romper com as fronteiras epistêmicas do tradicional conhecimento humano, adentrou em diferentes zonas do saber, sintetizando em sua liderança uma pluralidade de práticas religiosas e pedagogias para o bem-viver de sua comunidade. Com a liderança carismática de Padrinho Sebastião em sua postura aberta à alteridade, a cultura ayahuasqueira ganhou espaço nos meios midiáticos e alternativos, integrando as práticas espirituais

da classe média, hippies, ecologistas, artistas e cientistas que aderiam a esses movimentos religiosos a partir da década de 1980 (BALZER, 2009).

Assis e Labate (2014) contabilizaram 43 países onde os rituais daimistas na Linha do Padrinho se fazem presentes, a exemplo de Portugal, Espanha, Itália, Holanda, Bélgica, França, Irlanda, Polônia, Suécia, Suíça, dentre outros. Na América do Sul: Brasil, Argentina, Colômbia, Chile, Peru e Uruguai, além de países asiáticos como: Japão, Índia e Rússia. Para Albuquerque (2021), a expansão do Santo Daime para contextos culturais muito diversificados implicou em trocas culturais significativas e, sobretudo, na formação de discípulos no mundo inteiro. Este fato exemplifica uma identidade particular de Sebastião Mota: a de ser educador, cujo significado está longe de ser compreendido pela pedagogia moderna, acostumada a restringir esse papel ao professor acadêmico, letrado e humano.

Francisca Campos do Nascimento, desde a década de 1990 é dirigente do Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte, local popularmente conhecido como Barquinha da Madrinha Chica. Dedica-se à doutrina daimista fundada pelo Mestre Daniel Pereira de Mattos há 66 anos, sendo reconhecida na cidade de Rio Branco como uma professora e líder, além de ter recebido o título espiritual de Irmã de Caridade, por sua dedicação integral a benefício das pessoas necessitadas de ajudas materiais e espirituais. Hoje com 89 anos de idade, Madrinha Chica Gabriel é a única discípula direta de Daniel ainda viva e atuante, ensinando aquilo que ouviu “diretamente da boca do Mestre” (Francisca apud SILVA, 2022, p. 107).

Madrinha Chica é discreta, tímida e mestra do silêncio, ensinando um saber cultivado na prática e nos gestos cotidianos que falam por si só. As curas e as transformações que acontecem nas vidas das pessoas que buscam ajuda em sua igrejinha, são os maiores testemunhos da sua força de liderança até os dias atuais. O Centro Espírita Obras de Caridade Príncipe Espadarte tem filiais em Belo Jardim-AC, Niterói-RJ, Brasília-DF e São Paulo-SP (FLORES, 2020).

Portanto, Francisca e Sebastião aparecem no inventário quase esquecido desse Brasil popular onde existem e resistem muitos brasis de pequenas histórias, de pedrinhas miudinhas, escondidas aos olhos desse lajedo tão grande: o mundo globalizado e demasiadamente espetacular. A amizade de ambos espelha o *ethos* franciscano que valoriza a experiência da irmandade, em um sentido de solidariedade mútua na vida comunitária. Seguindo o ABC de Juramidam como alunos exemplares, Padrinho Sebastião e Madrinha Francisca criaram laços na terra e perduram esse encontro em diferentes lugares no astral, guiados pelo daime. Por fim, ressaltamos o intuito

deste artigo em ampliar as vozes e vidas ausentes nas academias universitárias, afirmando a coexistência entre epistemologias, pedagogias e ontologias plurais, dentro e fora dos meios científicos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. B. B. **Padrinho Sebastião**: máximas de um filósofo da floresta. Belém: EDUEPA, 2009.

ALBUQUERQUE, M. B. B. **Epistemologia e Saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011

ALBUQUERQUE, M. B. B. **Sabenças do Padrinho**. Belém: EDUEPA, 2021.

ALVERGA, A. P. **O guia da floresta**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ALVERGA, A. P. **O Evangelho segundo Sebastião Mota**. Boca do Acre: CEFLURIS Editorial, 1998.

ALMEIDA, F.; SOUZA, M. L. S. (Orgs.). **Mestre Antônio Geraldo e o Santo Daime**. 2. ed. Rio Branco: EMPLAK, 2008.

ASSIS, G. L.; LABATE, B. C. "Dos igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global". **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 11-35, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/FW9whMGmyBFhvNSpQxb5DYk/abstract/?lang=pt>. Acesso em 5/4/2023.

BALZER, C. "Santo Daime na Alemanha. Uma fruta proibida do Brasil no 'mercado das religiões'". *In:* LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2009. p. 507-41.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Col. Primeiros Passos, 20).

COSTA, C. A. **Os sentidos da cura**: saúde e performance na Barquinha de Niterói - RJ. 2019. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ELLSWORTH, E. **Places of learning**: Media, architecture and pedagogy. New York: Routledge, 2005.

ESTEVES, N. M. G. **Sincretismo em movimento**: um estudo dos adeptos do Santo Daime do grupo CEFLURIS na Vila 426 Céu do Mapiá. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

FLORES, D. C. M. **A Barquinha de Mestre Daniel**: etnografia da música de uma tradição religiosa ayahuasqueira amazônica. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

GENTIL, L. R. B.; GENTIL, H. S. "O uso de psicoativos em um contexto religioso". *In:* LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2009. p. 559-70.

GOULART, S. L. **Contrastes e Continuidades em uma tradição Amazônica**: as religiões da ayahuasca. 2004. 311 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

JAGUBE, TV. **Depoimento Md. Chica Gabriel**: Barquinha Príncipe Espadarte do Mar (Hinos ofertados ao Pd. Sebastião). YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7mCflyF2THc&list=RD7mCflyF2THc&start_radio=1&rv=7mCflyF2THc&t=5>. Acesso em 1/5/2023.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009.

LABATE, B. C.; PACHECO, G. "Matrizes maranhenses do Santo Daime". *In:* LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. p. 303-46.

LUNA, L. E. "Narrativas da alteridade: a ayahuasca e o motivo de transformação em animal". *In:* LABATE, B. C.; GOULART, S. (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras: FAPESP, 2005. p. 333-54.

LUNA, L. E. "Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural". *In:* LABATE, B. C. ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 2009. p. 181-200.

MACHADO, F. B. *et al.* **Francisca Campos do Nascimento**: uma caminhada de luz, amor e caridade. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2017.

MAGALHÃES, E. S. **Balanços de Luz**: Devoção e experiência a bordo da Barquinha Santa Cruz. 2013. 246 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

MENDES, E. C. **Entrevista on-line via WhatsApp**. Belém, 20 out. 2020. Arquivo com a Autora.

MERCANTE, M. S. **Imagens da Cura**: Ayahuasca, imaginação, saúde e doença na Barquinha. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

MORTIMER, L. **Bença, Padrinho**. São Paulo: Edição Céu de Maria, 2000.

OLIVEIRA, R. M. **De folha e cipó é a Capelinha de São Francisco**: a religiosidade popular na cidade de Rio Branco – Acre (1945- 1958). 2002. 124 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

RODRIGUES, M. L. M. *et al.* **Encantados**: Tradição afro-ameríndia na Barquinha. Rio Branco, 2018.

SANTOS, R. A. **A Híbrida Barquinha**: histórias, influências e rituais. São Paulo: Dialética, 2021.

SILVA, G. G. S. **Aprendizagens com o Daime na Barquinha da Madrinha Francisca**: Cartografias dos saberes encantados. 2022. 269 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SIMAS, L. A; RUFINO, L. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). **Cultura percepção e ambiente**: Diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

Submissão em 06 de junho de 2023.
Aceite em 27 de julho de 2023.

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0
Internacional. Texto da Licença:
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/